

A EUCARISTIA:
JESUS CRISTO SE FAZ ALIMENTO
PARA UMA REFEIÇÃO ESPIRITUAL NA IGREJA

Coleção TEOLOGIA HOJE

- *Creio em Deus Pai*, A. T. Queiruga
- *Reencarnação ou ressurreição — Uma decisão de fé*, Renold J. Blank
- *Recuperar a Criação — Por uma religião humanizadora*, A. T. Queiruga
- *Introdução à Trindade — Para estudantes universitários*, L. F. Lorenzen
- *Lumen Gentium — a transição necessária*, A. J. Almeida
- *Teologia espiritual encarnada — Profundidade espiritual em ação*, V. M. Fernández
- *Pecado original... ou graça do perdão?*, B. Andrade
- *Graça ancestral — O encontro com Deus na nossa história humana*, D. O'Murchu
- *Um novo clima para a teologia — Deus, o mundo e o aquecimento global*, S. McFague
- *Desafios atuais para a teologia*, U. Zilles
- *Esperança em tempos de desespero*, A. Nolan
- *Ajudai a minha descrença*, W. J. O'Malley
- *Igreja: comunhão viva*, P. Lakeland
- *Teologia do prazer*, A. M. G. Jesus / J. L. Moreira de Oliveira
- *Introdução à cristologia latino-americana — Cristologia no encontro com a realidade pobre e plural da América Latina*, A. A. Martins
- *A Eucaristia: Jesus Cristo se faz alimento para uma refeição espiritual na Igreja*, L. A. Miranda

LUIZ ANTONIO MIRANDA

A EUCARISTIA

Jesus Cristo se faz alimento
para uma refeição espiritual na Igreja



Título da obra original: *L'Eucharistie: Jésus-Christ se fait nourriture pour un repas spirituel en Eglise*
© Luiz Antonio Miranda

Tradução: *Anoar Jarbas Provenzi*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Coordenador de Revisão: *Tiago José Risi Leme*

Revisão: *Tiago José Risi Leme*

Jennifer Almeida

Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*

Capa: *Anderson Daniel de Oliveira*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miranda, Luiz Antonio

A eucaristia: Jesus Cristo se faz alimento para uma refeição espiritual na Igreja / Luiz Antonio Miranda. — São Paulo: Paulus, 2015. — (Coleção Teologia Hoje)

ISBN 978-85-349-4248-5

1. Eucaristia 2. Eucaristia (Liturgia) 3. Eucaristia - Celebração 4. Eucaristia - Ensino bíblico 5. Eucaristia - Milagres 6. Igreja Católica - Catecismos 7. Jesus Cristo - Milagres
I. Título. II. Série.

15-08601

CDD-268.82

Índices para catálogo sistemático:

1. Eucaristia: Catequese: Igreja Católica 268.82

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 · Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4248-5

SUMÁRIO

- 9 *Capítulo I*
REFEIÇÃO SAGRADA
- 9 **A. A refeição sagrada na religião judaica**
- 14 **B. A refeição sagrada na nova aliança**
- 14 1. Refeição sacrificial
- 18 2. Presença divina e refeição
- 22 3. Refeição e contemplação
- 25 4. Interiorização
- 29 *Capítulo II*
REFEIÇÃO PASCAL
- 30 **A. O caráter pascal da Eucaristia**
- 30 1. A Última Ceia, refeição pascal
- 34 2. Refeição pascal, a antevéspera da festa
- 38 3. As festas de Páscoa e a revelação progressiva da Eucaristia
- 41 **B. A Eucaristia à luz pascal**
- 41 1. Cristo, verdadeiro cordeiro pascal
- 44 2. A Eucaristia, memorial da libertação messiânica
- 47 3. A Eucaristia, libertação atual
- 53 *Capítulo III*
REFEIÇÃO DO POVO NOVO
- 53 **A. Refeição e nascimento do povo novo**
- 53 1. Refeição sagrada e formação do povo de Deus
- 55 2. Inauguração do povo novo na Eucaristia
- 57 3. A unidade humana na unidade divina

- 59 4. Papel da Eucaristia no desenvolvimento primitivo da Igreja
- 61 5. A primeira ordenação sacerdotal em vista da Eucaristia
- 65 **B. Refeição e unidade do povo novo**
- 65 1. O preceito novo
- 67 2. O poder do amor
- 70 3. Um amor universal
- 73 4. O múltiplo desdobramento do amor
- 75 5. O cálice, símbolo de unidade
- 79 *Capítulo IV*
REFEIÇÃO ANIMADA PELA FÉ
- 79 **A. A refeição, afirmação de fé**
- 79 1. A refeição, testemunho de fé no verdadeiro Deus
- 81 2. Refeição sagrada e idolatria
- 84 **B. A fé na Eucaristia**
- 84 1. O apelo à fé
- 88 2. A grande rejeição
- 92 3. A grande opção de fé
- 95 4. Instituição da Eucaristia e assentimento de fé
- 98 5. A Eucaristia, objeto essencial da fé
- 101 *Capítulo V*
REFEIÇÃO ESPIRITUAL
- 101 **A. Nos anúncios proféticos da antiga aliança**
- 101 1. A refeição organizada pela Sabedoria
- 104 2. A refeição em que a própria Sabedoria se dá
- 107 **B. No Novo Testamento: o cumprimento no Cristo**
- 107 1. O pão da vida
- 110 2. A carne animada pela vida do Espírito
- 113 3. Alimento e bebida espirituais
- 115 4. Espírito Santo e Eucaristia

121	<i>Capítulo VI</i>
	REFEIÇÃO E PRESENÇA REAL DE CRISTO
121	A. A presença e sua duração
121	1. Presença pessoal no sacrifício e na refeição
123	2. Responsabilidade para com a presença
126	3. Presença além da refeição
130	B. Culto da presença
130	1. Comunhão e contemplação
133	2. A adoração
135	3. A presença no tabernáculo
138	4. A exposição do Santo Sacramento
141	CONCLUSÃO

REFEIÇÃO SAGRADA

A. A refeição sagrada na religião judaica

A refeição sagrada é uma das formas mais universais do rito religioso; não surpreende que ela tenha seu lugar também na religião judaica. Na história dos patriarcas, é por um sacrifício e uma refeição que se sela a reconciliação entre Jacó e Labão após uma longa querela: “Jacó ofereceu um sacrifício sobre a montanha e convidou seus irmãos para comer o pão.¹ Eles comeram o pão e passaram a noite sobre a montanha” (Gn 31,54). “Comer o pão” significa, na terminologia hebraica, fazer uma refeição. A refeição era o complemento normal do sacrifício; excetuando o holocausto, que comporta uma destruição total da vítima, todos os sacrifícios em uso entre os judeus parecem ter tido uma refeição. Na refeição instituída por Jacó, o objetivo de afirmar a aliança ou a “comunhão” com Labão e sua gente é essencial.² Mas essa dimensão comunitária horizontal não pode ser separada de uma dimensão vertical: para afirmar e garantir a reconciliação, Jacó faz um juramento e oferece um sacrifício.³ Ele recorre a Deus para restabelecer a harmonia, e a refeição é a manifestação concreta dessa harmonia recuperada.

Um valor fundamental da refeição resulta de sua ligação com o sacrifício: ela faz os convivas participarem das virtu-

¹ Na tradução, segue-se a *Bíblia de Jerusalém*, mas às vezes, como aqui, é preciso traduzir direto do francês para não perder o sentido pretendido pelo autor. (N.T.)

² Cf. Cl. WESTERMANN, *Genesis 2*, Neukirchen-Vluyn, 1981, 610: “Por essa refeição, confirma-se que o conflito é resolvido”.

³ A dimensão vertical aparece também no v. 49, que explica a refeição sobre o monte do v. 46: “Que lahweh seja vigia entre mim e ti...”. “É Eloim que é testemunha entre mim e ti...”. A narrativa javista foi intercalada na narrativa eloísta.

des do sacrifício, de sua eficácia. Quando a pessoa come a carne das vítimas, apropria-se do fruto da oferenda feita a Deus, introduz em si mesma o resultado dessa oferenda. O que foi imolado recebeu um valor sagrado, o qual é comunicado à pessoa que o come.

A lei judaica prescreve e recomenda solenemente essas refeições sagradas. Por diversas vezes o Deuteronomio ordena sua prática.⁴ Em suas prescrições, observa-se a importância do local expressamente indicado para a refeição. Convém que o lugar seja, ele também, sagrado. No exemplo mencionado anteriormente, Jacó havia comido com seus irmãos sobre a montanha, lá onde ele tinha oferecido seu sacrifício; a montanha é o lugar onde habita a divindade. A lei deuteronomica estipula que a refeição seja feita no lugar que Iahweh escolheu por morada:⁵

Buscá-lo-eis somente no lugar que Iahweh vosso Deus houver escolhido, dentre todas as vossas tribos, para aí colocar o seu nome e aí fazê-lo habitar. Levareis para lá vossos holocaustos e vossos sacrifícios, vossos dízimos e os dons das vossas mãos, vossos sacrifícios votivos e vossos sacrifícios espontâneos, os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas. E comereis lá, na presença de Iahweh vosso Deus, alegrando-vos com todo o empreendimento da vossa mão, vós e vossas famílias, com o que Iahweh teu Deus te houver abençoado (Dt 12,5-7).

Através dessa prescrição, pode-se perceber a razão pela qual a refeição deve ter lugar no santuário: é preciso que ela aconteça “na presença de Iahweh”. A ligação entre a presença divina e a refeição foi expressa de maneira ad-

⁴ Dt 12,7; 14,23; 15,20; 27,7.

⁵ Conforme destaca P. Buis (*Le Deuteronomie*, Paris, 1969, 228-235), essa indicação de um lugar único significa uma lei de centralização em apenas um santuário, o de Jerusalém. Ela deriva de muitos princípios: unidade do povo de Deus, único parceiro de Iahweh na aliança; liberdade de Iahweh na escolha do santuário; unidade de Iahweh. A multiplicidade dos santuários faria com que se corresse o perigo de uma multiplicação das divindades (229).

mirável pelo livro do Êxodo; falando de Moisés, de Aarão e dos setenta anciãos de Israel que haviam subido à montanha segundo a ordem divina, a narrativa da aliança afirma a visão de Deus que lhes foi concedida: “Eles contemplaram a Deus e depois comeram e beberam” (Ex 24,11). Ver a Deus é um privilégio imenso, que requer uma proteção excepcional, um chamado privilegiado, pois normalmente essa visão leva à morte. Aqui, o privilégio se completa com uma refeição. Depois de ter aceitado Moisés e os anciãos perto de si, não obstante uma advertência inicial para se prostrarem de longe (Ex 24,1), e lhes ter permitido olhá-lo nos altos céus, Deus os aceita em sua mesa. Ele os introduz também mais profundamente em sua intimidade, pois comer e beber com alguém é gozar de maior familiaridade com ele. A refeição é a consagração definitiva de uma intimidade que começou pela contemplação.

Compreende-se, portanto, a insistência com que o Deuteronômio destaca que as refeições sagradas devem acontecer não em qualquer lugar, mas sim no santuário onde Deus decidiu fazer sua morada. A presença divina dá à refeição seu significado. Pelo local onde se faz a refeição, ela assegura melhor seu objetivo de fazer os convivas penetrarem no mistério dessa presença. É “em Deus” que se come e se bebe, pois é Deus quem convida os homens a estabelecer com ele relações familiares. Introduzindo no mistério de intimidade divina, a refeição manifesta o proveito que dela o homem retira. Com efeito, ela suscita a alegria, a alegria íntima e abundante que testemunha as bênçãos de Deus. “Vós vos alegrareis, vós e vossa família”, diz o Deuteronômio, prescrevendo que a refeição aconteça na presença de Iahweh.⁶ A alegria

⁶ “As expressões muito realistas parecem fazer desse festim uma refeição tomada com Deus, o qual, aliás, recebe sua parte: o sangue e a gordura. Na verdade, o Deuteronômio proíbe dar a essas expressões um sentido muito concreto. Mas seu sentido profundo é conservado: é na alegria de um banquete que se toma contato com Deus” (BUI, *Deuteronome*, 231).

sentida na refeição não pode ser separada dessa presença: desejando e oferecendo a refeição, Deus deseja essa alegria. A origem divina da alegria não impede em nada a reunião das condições materiais para que essa alegria seja mais viva. A refeição poderia comportar todas as iguarias desejáveis, com as bebidas inebriantes. “Lá [no lugar escolhido por Iahweh] trocarás o dinheiro por tudo o que desejares: vacas, ovelhas, vinho, bebida embriagante, tudo, enfim, que te apetercer. Comerás lá, na presença de Iahweh teu Deus, e te alegrarás, tu e tua casa” (Dt 14,26). Ao receber em si, Deus quer satisfazer as aspirações daqueles que ele convida a sua mesa; sua bondade generosa se revela pela profusão da refeição e pela alegria que ele quer e vê reinar. A expressão “tudo o que deseja tua alma” testemunha uma intenção profunda de Deus: satisfazer todos os desejos que ele mesmo suscitou na natureza que criou. Comer e beber nas refeições sagradas é gozar, e gozar amplamente, dos bens concedidos pelas generosidades divinas.

Enfim, a refeição sagrada é um rito que consuma a aliança. A narrativa seguinte do Êxodo, na qual Moisés e os anciãos se detêm sobre a montanha para contemplar a Deus, depois para beber e comer em sua presença, parece ser uma versão da conclusão da aliança entre Deus e o povo judeu (Ex 12,1-2.9-11).⁷ Essa versão emoldura uma outra (Ex 12,3-8), na qual a conclusão da aliança ocorre por um sacrifício dos jovens touros, cujo sangue é em parte aspergido sobre o altar e em parte derramado sobre o povo.⁸ Segundo esta última perspectiva, é o rito da aspensão do sangue que

⁷ A associação entre “ver a Deus” e “comer e beber” mostra que se trata de uma “refeição de aliança”, “como igualmente entre os homens uma refeição comum pode constituir a realização eficaz e válida de uma conclusão da aliança (cf. Gn 31,46-54)” (M. NOTH, *Das zweite Buch Moses. Exodus*, Göttingen 1961, 159).

⁸ “Tratamos, neste capítulo, de duas versões da narrativa de conclusão da aliança, que têm o mesmo objeto, mas que se excluem fortemente em seus desenvolvimentos particulares”, diz M. Noth. Para uma, a conclusão da aliança ocorre sobre a montanha; para a outra, no pé da montanha (*Exodus*, 158).

faz o povo entrar na aliança de Deus. Não se pode ignorar a importância dessa narrativa, à qual Cristo faz alusão durante a Última Ceia, falando de seu sangue, sangue da aliança derramado pela multidão de homens. Mas as duas versões têm cada uma delas seu valor: a tradição segundo a qual a aliança foi definitivamente selada por uma refeição não menciona sacrifício e permite compreender melhor a qualidade inerente à refeição, sua capacidade de exprimir a união com Deus. A fusão das duas tradições em um só texto tende a mostrar que cada uma corresponde a um aspecto essencial da conclusão da aliança: sacrifício e refeição são dois ritos que se completam e não podem ser separados.

Para melhor apreciar a capacidade da refeição de manifestar a aliança, deve-se lembrar que o rito da refeição sagrada aplica, nas relações do homem com Deus, um costume em vigor nas relações entre os homens. Já observamos que o acordo de reconciliação entre Jacó e Labão foi concluído com uma refeição (Gn 31,46-54); e não constitui o único exemplo, nas narrativas do Gênesis, de um tratado que restabelece a paz entre dois adversários e que é selado por um festim (cf. Gn 26,28-30). A refeição tomada em comum reúne os que guerreavam, os conduz aos gestos de fraternidade e lhes faz gozar da alegria da pacificação. Seu valor simbólico de boa harmonia se funda sobre uma atitude concreta de partilha e de solidariedade.

Quando a refeição tem por objetivo selar a aliança entre Iahweh e o povo judeu, ela exprime, sobretudo, certa comunhão de vida e de bens entre Deus e os homens. É Deus quem quer partilhar suas riquezas com seu povo, cobri-lo com suas bênçãos. O objetivo essencial da união com Deus não exclui, portanto, a intenção da refeição de exprimir a *solidariedade comunitária* entre os próprios homens. A refeição inclui, sobretudo, essa intenção, pois aqueles que entram em comunhão com Deus realizam, entre si, uma reconciliação, uma comunhão mais solidamente fundada. A

refeição é sempre feita em comunidade. Assim, a refeição de Moisés e dos anciãos sobre a montanha, significando em primeiro lugar sua aliança com Deus, significa igualmente seu acordo entre eles. Engajando-se na aliança com Iahweh, os representantes do povo judeu consagram mais definitivamente a comunidade constituída por todos os membros do povo. Nota-se que, quando o Deuteronomio prescreve as refeições no santuário, ele menciona o aspecto comunitário, já que essas refeições devem reunir toda a família, ou todas as pessoas da casa. Ao mesmo tempo em que simboliza um lugar de aliança com Deus, a refeição sagrada comporta, pois, um valor de amizade e de aliança entre todos aqueles que dela participam. Aquilo a que Deus quer se unir por meio dessas refeições é uma comunidade.

B. A refeição sagrada na nova aliança

Em que se transformou a instituição judaica da refeição sagrada na nova aliança? Consideramos até aqui as qualidades gerais dessa refeição. Daqui para frente, direcionaremos nossa atenção a alguns desses aspectos mais particulares.

Pode-se dizer que, ao instituir a Eucaristia, Jesus retomou todos os elementos da refeição sagrada judaica em uma síntese superior, que ultrapassa em muito toda a preparação veterotestamentária. Impressiona constatar que nada foi perdido dessa preparação e que a Eucaristia conserva, transformando-o e elevando-o, todo um passado religioso. Retomando e reunindo a diversidade dos aspectos, ela lhes confere um novo valor.

1. Refeição sacrificial

A nova refeição sagrada fundada pelo Senhor recebe uma plenitude de sentido pelo fato de que ela é estreitamen-